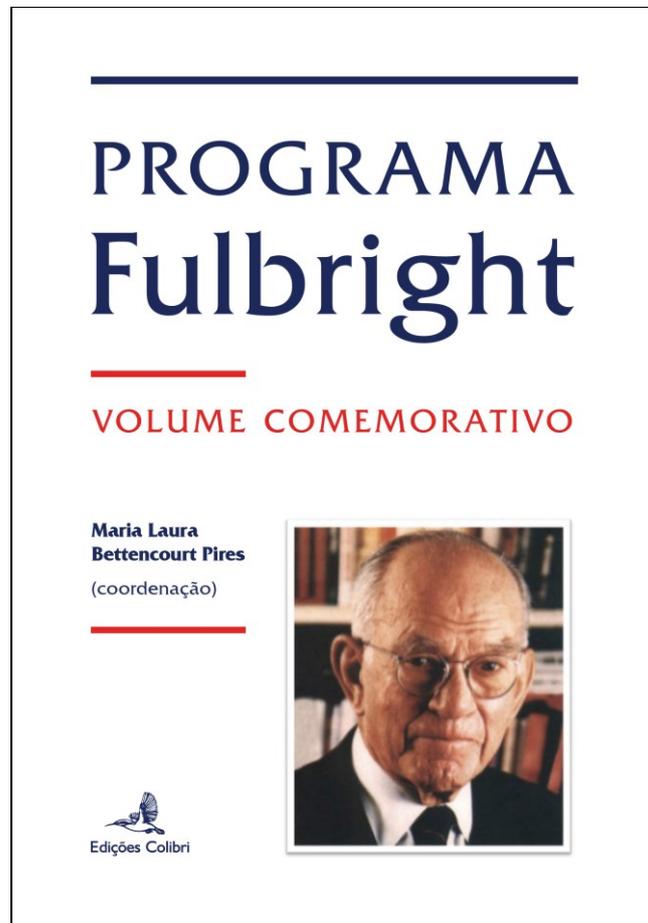


PROGRAMA FULBRIGHT
VOLUME COMEMORATIVO



TERESA F. A. ALVES
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Quando a minha colega e mui estimada Amiga, Maria Laura Bettencourt Pires me falou do projecto deste livro, lembro-me de ter pensado “Só a Laura para pôr em prática uma ideia que tem toda a razão de ser”, não só como registo de algo que vem acontecendo em Portugal há perto de sessenta anos, mas também como homenagem a quem, finda a Segunda Guerra Mundial, concebeu o intercâmbio de académicos, investigadores e estudantes como forma de fomentar o entendimento mútuo entre a América e o resto do mundo, fundamentalmente, como tentativa de reparar as brechas abertas por um conflito de dimensões inimagináveis.

A esse visionário dedica Maria Laura Bettencourt Pires um ensaio intitulado “James William Fulbright e a sua Visão para um Mundo Melhor”, oferecendo uma evocação plena de interesse, num feliz encontro de forma e conteúdo, em que, após breve referência biográfica, nos dá a conhecer toda uma mundividência empenhada em causas como a educação, a democracia e o entendimento entre os povos. Como

faz notar a ensaísta, a sua fé num mundo melhor era inabalável e por esse objectivo lutou com as armas ao seu dispor nos muito anos em que serviu a causa pública, primeiro como professor e Reitor da Universidade do Arkansas, depois como congressista e senador da república americana. Muito útil para quem pretenda explorar a ligação íntima da postura humanista de Fulbright com a sua acção de homem político que, durante largos anos, esteve ligado à política externa do seu país, revela-se a análise que Maria Laura Bettencourt Pires faz de *The Arrogance of Power* (1966), uma obra com edições sucessivas até aos dias de hoje e que faz todo o sentido na actual conjuntura política dos Estados Unidos. Muito útil ainda é a lista bibliográfica apresentada no final do ensaio com o elenco de todas publicações de James William Fulbright.

Dos efeitos da mundividência de James William Fulbright em Portugal, ao longo de quase sessenta anos, Otília Macedo Reis, actual Directora Executiva da Comissão Fulbright, oferece, oportunamente, um significativo testemunho da evolução do Programa, desde a sua fundação até aos dias de hoje. Como somos informados, o Programa Fulbright viu em 2015 reforçada a sua já considerável influência por um novo acordo entre os Estados Unidos e Portugal, do qual resultou uma representatividade equitativa de ambos os governos na sua administração. Em números redondos é bastante significativo o facto de este Programa já ter beneficiado mais de 1500 estudantes, investigadores e professores portugueses, e 800 norte-americanos.

É neste âmbito que a obra *Programa Fulbright. Volume Comemorativo*, agora publicada, se reveste de óbvio valor simbólico, de alcance exemplar. Integrando um número limitado de testemunhos como teria de integrar, a criteriosa escolha de pessoas com vivências distintas e experiência variada do Ensino americano não pode deixar de oferecer a futuros Fulbrighters um amplo leque de escolhas, susceptível de encontrar eco nos mais variados projectos. Na cerimónia de apresentação do livro na Embaixada dos Estados Unidos da América, António Feijó, Vice-Reitor da Universidade de Lisboa, disse, com aquele sentido de oportunidade que sempre o distingue, tratar-se este volume de uma compilação de cartas de amor e ele, próprio, impedido de contribuir pelos muitos afazeres do seu cargo, não resistiu a dar-nos um testemunho bastante afectivo da sua própria experiência nos Estados Unidos.

Fundamentalmente, este é um livro de registos autobiográficos que muito justamente encerra com uma entrevista de Maria Laura Bettencourt Pires a Lénia Godinho Lopes, Presidente da Assembleia Geral de Fulbrighters Portugal – Alumni Association, que em breves palavras e em resposta à interpelação da entrevistadora

sintetiza aquilo que, ao correr das páginas, sobressai como sendo comum à maioria dos registos: é que depois de se ser Fulbrighter nada fica como antes na vida de cada um de nós – novos horizontes se desenham, novas portas se abrem, que, ao serem transpostas, significam uma viagem sem retorno. The Salzburg Seminar at Leopoldschloss na Áustria, é justamente um desses acessos, com a seu eclético corpo docente e discente, e um ambiente artístico extremamente motivador. Citando Lénia Godinho Lopes “[...] a discussão entre Professores e Colegas de vários países sobre as matérias abordadas abriram-me novos horizontes de pensamento e a abordagem de matérias no âmbito do Direito Público Internacional vistas de várias perspectivas diferentes, tiveram um forte impacto na forma como, a partir daí, passei a analisar as situações com que me fui deparando ao longo da minha vida profissional, de forma mais aberta, mais global, mais liberta de conceitos rígidos”.

A bolsa Fulbright para frequentar o Seminário de Salzburgo terá sido determinante na vida de Lénia Godinho Lopes, como aliás foi na minha própria vida, enquanto professora de Literatura e Cultura Norte-Americana na Universidade de Lisboa, e na de Matilde de Sousa Franco, figura por demais conhecida pela sua ligação ao Património Cultural e à Direcção de inúmeros Museus portugueses, que, em 1984, recebeu uma bolsa para frequentar o primeiro Salzburg Global Seminar dedicado a Museus. Aliás, como ela própria escreve no final do seu testemunho a Bolsa de 1984 incentivá-la-ia “no sentido de maior liberdade e criatividade” que haviam de ser decisivos para um “novo paradigma na História da Museologia e da Patrimologia Interculturais e a favor da Paz”. Pela variedade das suas sessões temáticas e pela diversidade cultural dos seus bolseiros, o Seminário de Salzburgo pode bem ser descrito como um microcosmo desse macrocosmo onde cabem todas as culturas do mundo, que são os Estados Unidos da América, país de muitos contrastes, que a nossa Europa se dispõe facilmente a criticar, mas que, entre as suas múltiplas tradições, inclui a da filantropia, e entre os seus nobres cidadãos, conta com James William Fulbright.

Do Intercâmbio que, nos restantes testemunhos, levou os Fulbrighters Portugueses até aos Estados Unidos da América, tem este volume comemorativo uma série de recolhas singulares que lhe dão um carácter de abrangência, pela ligação de cada Fulbrighter a áreas específicas e pelas relações que cada um manteve com universidades americanas distintas. Depois de um breve resumo sobre o Programa Fulbright, Carlos A. Coelho, Vice-Presidente de Fulbrighters Portugal – Alumni Association e Professor Catedrático do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, presenteia-nos, em “My Experience as a Fulbrighter – An Appraisal of The Fulbright Program”, com

um testemunho autobiográfico e fotográfico sobre a sua permanência em Ann Harbour, Michigan. A experiência pessoal, o ambiente universitário, os professores que dirigiram o seu doutoramento, os colegas e amigos que encontrou dentro e fora da Universidade, surpreendem pelo entusiasmo do relato, na medida em que, inicialmente, se teria imaginado o catedrático com um doutoramento em Bioestatística como um ser da razão e do intelecto, e, à medida que se avança na leitura, se descobre a alma de poeta que transborda para o mundo à sua volta, quando, por exemplo, recorda emocionado, um colega prematuramente desaparecido ou lhe vêm à memória as cores outonais de Ann Harbour. Também José Rodrigues Lúcio, seu antecessor no cargo de Vice-Presidente de Fulbrighters Portugal – Alumni Association, contribui para o volume com as suas recordações da California State University at Stanislaus onde foi professor e investigador na área de Geografia. Sucintamente escrito, “Testemunho de um Bolseiro Fulbright”, recolhe da leccionação, do contacto com colegas, *staff* e alunos, uma experiência de ensino que terá sido decisiva para o seu trajecto enquanto docente universitário na universidade portuguesa; também na área de investigação, o seu interesse pelas organizações locais no combate aos problemas da pobreza teve idênticos e frutíferos resultados que lhe deram a conhecer o sabor dos trabalhos em campo, tão característicos da experiência universitária americana.

O bom ambiente das universidades, as suas excelentes bibliotecas, o convívio amigável com colegas e professores, a influência de novas metodologias, as consequências da experiência Fulbright para o progresso profissional no regresso ao país, são traços comuns a todos os depoimentos. O que varia é o estilo de cada um dos autores em confronto com a diversidade das suas experiências. Eu própria em “More than a Change of Style, a Change in Attitudes” não me desvio deste rumo, como dele também não se afasta a minha colega Teresa Cid, Directora do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa e do Instituto Confucius na mesma Universidade. Com a sua habitual verve, Teresa Cid fala-nos da sua estadia, em “A Challenge, a Privilege and an Enlightening Experience”, não se coibindo de importar para o seu texto a característica interjeição “wow!” com que a sua condição de Fulbrighter era acolhida sempre que se dava a conhecer como tal. Georgetown University foi para ambas uma experiência inolvidável por todas as razões atrás aduzidas e, ainda, pela possibilidade de estabelecer um programa de intercâmbio entre Georgetown e Lisboa. Este permitiu grande desenvolvimento nos Estudos Americanos que até então se encontravam circunscritos à licenciatura em Estudos Ingleses. Hoje em dia constituem uma área em pé de igualdade com os restantes

Estudos alemães, franceses e ingleses, funcionando como “major” no Curso de “Línguas, Literaturas e Culturas” da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O hino à condição de Fulbrighter na cidade de Washington e na Universidade de Georgetown surge, porém, pela pena – se houvesse pena! – de Margarida de Oliveira Vale de Gato, actual coordenadora do “major “ em American Studies na Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Margarida montada na bicicleta, “down Mexico Avenue, up the National Mall or along the Potomac”; Margarida a valer-se das entradas gratuitas na Smithsonian; Margarida deslumbrada com o recheio da Lauinger Library ou a gravar a sua poesia na Library of Congress, Hispanic Division ; Margarida no umbral das portas, a trocar dois dedos de conversa com os colegas do English Department; Margarida com a mão protectora sobre o ombro de sua filha Alice que, ao acompanhar a Mãe, ganhou uma amiga para a vida; são imagens que nos devolvem com a frescura da criatividade poética a experiência de docência e investigação que Margarida Vale de Gato relata em “My Fulbright Experience”.

Ainda no âmbito da docência em Georgetown, Julieta Almeida Rodrigues oferece-nos em “The Pleasure of Returning, 2014: How American Universities Work” não só um testemunho das suas vivências de ensino numa Instituição onde ela, numa série de anos consecutivos, se sentiu próxima do “centro mundial do poder” e se habitou a descer no elevador com Madeleine Albright, como ainda estende as suas reminiscências a Columbia University, onde terminou o seu doutoramento em 1979 com uma bolsa Fulbright, bem como a The New School University, The New School for Public Engagement que lhe deu a oportunidade de regressar à docência nos Estados Unidos em 2014. É justamente esse regresso que ela refere entusiasticamente no título do seu contributo que conclui com um elenco das virtudes das Universidades dos Estados Unidos, bem conhecidas por quantos as frequentaram.

São efectivamente muitas e diversificadas as Instituições americanas que, por intermédio do Programa Fulbright, os bolseiros têm ocasião de seleccionar tendo em vista a sua própria formação. 2008-2009 foi um período particularmente auspicioso para Fulbrighters na área de Medicina. No caso de Ana Lúcia R. Moreira, da Universidade de Lisboa, o Center of Excellence for Research and Treatment of Bipolar Disorder na University of North Carolina at Chapel Hill ofereceu-lhe condições excepcionais de aprofundar os seus conhecimentos num campo onde a investigação e sua aplicação médica estavam a ser desenvolvidas no nosso país quando ela recebeu a bolsa Fulbright, de que dá testemunho expressivo em “Fulbright – A Life changing Experience”. Um segundo registo assinado por Ana Luísa Vieira de Castro

Ramos das Neves, da Faculdade de Medicina do Porto e intitulado “Experiência Fulbright. Uma década depois”, põe em evidência a oportunidade que foi trabalhar e investigar em All Children’s Hospital/University of South Florida. Especialista em Cardiologia Pediátrica e doutorada em Medicina e Oncologia molecular refere ainda o impacto que a experiência hospitalar americana teve na sua vida profissional. Aliás, qualquer destes testemunhos sublinha também a importância da experiência na vida pessoal de ambas as médicas.

Curiosamente, este conjunto de testemunhos raramente é repetitivo pela diversidade de casos que reúne. Em 1986, Manuel Galvão de Melo e Mota, professor na Universidade de Évora e biólogo de formação, foi convidado a leccionar em Virginia Polytechnic Institute and State University em Blacksburg, VA, como testemunha em “A minha Experiência Fulbright (1987-1992)”. Viria a doutorar-se em “Plant Pathology”, em Setembro de 1992, tirando o máximo proveito da sua condição de Fulbrighter numa universidade cujo *campus* se estende por cerca de 5.000 hectares e que é conhecida pela excelência de ensino e investigação nas áreas de Agricultura e Engenharia. De regresso à sua universidade de origem, tem pautado a sua actuação docente e cívica pelo exemplo inspirador da universidade americana.

Na década seguinte, já em 2003, João Paulo Fidalgo Carvalho, professor de silvicultura na Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro, recebeu uma bolsa para ensinar e investigar em USDA Forest Service – Southern Research Station (Ashville, NC) e em The North Carolina State University (Raleigh). Em “The Contribution of the Fulbright Scholarship to my Professional and Personal Relationships”, João Paulo Carvalho dá relevo ao conhecimento de vários ecossistemas florestais únicos e à importância que tal conhecimento viria a ter para o desenvolvimento dos projectos profissionais quando regressou à universidade portuguesa. Uma nota curiosa é acrescentada pelo despertar do seu interesse pelas culturas originárias índias, que, como se sabe, são profundamente ligadas ao seu meio-ambiente.

Em “Fulbright and American Individualism”, Andreia Martins Martinho, candidata a doutoramento na Faculty of Technology, Policy and Management da Delft University of Technology, articula o seu testemunho em função dos benefícios do Individualismo americano e da sua gratidão para com a Fulbright, pela bolsa que lhe permitiu viajar pelos Estados Unidos ao longo de seis anos, ganhar conhecimentos sólidos sobre a cultura americana e contactar com académicos brilhantes e inspiradores. Também Elsa Lechner, investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, foi bolseira Fulbright no ano lectivo 2014-2015,

para desenvolver um projecto sobre a Emigração portuguesa centrado em histórias da vida e narrativas biográficas em New Jersey. Intitulado o seu ensaio “Para Lá das Fronteiras: Pesquisa, Diálogo e Acção Conjunta”, este dá-nos conta da pesquisa apoiada por Onésimo de Almeida da Brown University e por Kimberly da Costa Holton da Universidade de Rutgers-Newark, dois nomes incontornáveis na área de Estudos Portugueses nos EUA. O projecto em que estava envolvida permitiu a Elsa Lechner incluir uma área dos Estados Unidos numa perspectiva comparatista com estudos da diáspora portuguesa na Europa.

Em “The Impacto of Fulbright’s Experience on Professional Career and Personal Life”, Margarida Pocinho escreve sobre a extraordinária oportunidade que foi participar como SUSY (The Study of the U. S. Institutes for Scholars SUSIs) e poder, em 2014, ter frequentado a New York University – Multinational Institute of American Studies. Em 2015 caberia a José Duarte da Universidade Lisboa essa oportunidade, que ele recorda em “HAPPYTHANKYOUMOREPLEASE”, título muito original do seu testemunho. A qualidade do Programa organizado pelo State Department no intuito de promover a familiarização com o país e suas instituições sobressai de ambos os relatos. Em realce estão as várias viagens América adentro incluídas no Programa e o incentivo de viver “the American way of life” como espaço de cultura e de imaginação durante a permanência em Nova Iorque. São justamente tais vivências que, no retorno a Portugal, permitem criar espaços de aprendizagem menos convencionais e pautados pela vida imaginativa.

Com humor inconfundível, Miguel Tamen, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, presta homenagem ao ensino ímpar americano e passo a citá-lo: “o meu doutoramento foi a única boa experiência que tive como aluno depois dos nove anos”. Doutorado pela University of Minnesota, viria a fazer jus ao que, no registo do mesmo título, denominou “O Princípio Fulbright”.

Após o regresso à universidade portuguesa, Miguel Tamen estabeleceria um acordo com a Comissão Fulbright, por intermédio do qual passou a convidar professores americanos para ensinarem no programa de pós-graduação em Teoria da Literatura, que coordena.

É, também, inconfundível a forma como Beatriz Albuquerque, artista de práticas interdisciplinares entre a *performance* e o multimédia, e Fulbrighter desde 2009, transmite esta sua condição como um jogo que intitula “Fulbright Experience: The Board Game”. Aparentemente regulado pela improvisação, é ainda uma *performance*, que interage com o leitor na medida em que o obriga a rodar o livro para ler, talvez com o auxílio de uma lupa, as várias etapas de um jogo que se inicia

com um convite “enjoy being a Fulbrighter” e se conclui com um voto “You reach your goal and graduate with distinction”. Em Nova York, Beatriz Albuquerque finaliza o seu doutoramento e, pelo caminho, vai ganhando prémios como o “Myers Art Prize: Cross Media Art” pelo seu trabalho artístico.

“Did Senator J. William Fulbright like jazz?” é o título intrigante que o trombonista, compositor e pedagogo Paulo Perfeito, do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, escolheu para anunciar o seu testemunho. Em 2011, uma bolsa Fulbright levá-lo-ia a Rochester, NY, para se doutorar na famosa Eastman School of Music. Da sua experiência como músico de Jazz e investigador numa universidade americana, sublinha, como privilégio maior, a possibilidade de tocar em conjunto com outros músicos num *ensemble* jazzístico. A estadia nos EUA acentuou nele a consciência de que a música, como de resto, toda a actividade humana, floresce em circunstâncias universais e que a interagência desenvolvida com o seu semelhante é a chave para a descoberta de uma vida com sentido. Um momento inesquecível das vivências americanas foi, para Paulo Perfeito, o da visita ao monumento em memória de Martin Luther King, alguém que foi capaz de viver em pleno a sua existência. E porque este meu singelo tributo a quantos colaboraram na obra que apresento entrou no campo da música americana, mais precisamente no do Jazz, creio ser-me permitida a analogia deste tipo de música com a própria condição de Fulbrighter. Estruturalmente o jazz caracteriza-se por 3 momentos: o da improvisação, o da repetição e o das variações. Efectivamente, há improvisação no início do processo que leva o Fulbrighter a confrontar-se com um modo de vida e uma cultura muito diferentes daquelas a que está habituado; há, depois, repetição na assunção de um papel em que retoma o destino de muitos outros escolhidos antes dele; e, por fim, variações ao fazer valer a sua singularidade ao longo da experiência proporcionada pela bolsa Fulbright.

Por último e em contraponto aos testemunhos de que me ocupei, o de Roger Johnson regista as perplexidades de um académico americano como Fulbrighter no Egipto. Tal como humildemente reconhece, são inúmeras as tentativas da sua parte para entender e se aproximar de alunos que desconhecem em absoluto os hábitos metodológicos do professor. São igualmente inúmeras as vezes em que falha como pedagogo ao ser confrontado com uma situação para a qual não está de todo preparado. Salva-o do desespero o apoio incondicional da Chefe de Departamento, que o ajuda a percorrer o longo e exaustivo caminho de aproximação aos alunos árabes. Fora da classe, a adaptação ao novo país também apresenta dificuldades reveladoras do choque cultural que é a transplantação dos Estados Unidos para o norte de África. E, apesar de tudo isto, apesar de, inclusive, chegar a ter passado

fome, largos anos volvidos e outras tantas experiências como professor Fulbrighter experienciadas, tanto ele como a família pautam a sua vida pelo “antes” e o “depois” das suas vivências no Egipto. Vale a pena transcrever as palavras com que encerra o seu relato:

"But telling the effects [of my Egyptian sabbatical year] is like grabbing a handful of ocean wave. There were experiences and epiphanies, now memories that escape capture. Perhaps they have morphed into trickles of what I want them to be, but perhaps what I want them to be is an effect in itself. Yes we mark our family history – and I mark the less-than-remarkable narrative of my intellectual and emotional development – from a Fulbright experience that took a younger man from Mississippi to the heart of a culture that would, for him and his family, change everything."

James William Fulbright baseou o seu Programa na abertura ao Outro. Era um visionário. Nos dias que vão correndo alguém de elevada estatura moral e ética, o Papa Francisco, considera a abertura ao outro – o diálogo entre homens e as mulheres das mais diferentes culturas deste mundo conturbado – como sendo uma força salvífica. Talvez a única! Fulbright acreditava, como podemos ler na epígrafe ao livro, “que o futuro dependia mais das nossas mentes e dos nossos corações do que propriamente do que está escrito nas estrelas”, e acreditava, sobretudo, que as nossas mentes e os nossos corações se enriqueceriam graças ao conhecimento e ao desafio perante novas oportunidades. Que diria James William Fulbright desta recolha de testemunhos, se lhe fosse possível “lá no assento etéreo” onde subiu ter possibilidade de os conhecer? Talvez sorrisse benevolmente ao verificar que as suas ideias florescem nos imaginativos relatos de quantos contribuíram para este volume comemorativo.

Teresa F. A. Alves

(Lisboa, 10 de Abril de 2019)

Teresa Alves escreve de acordo com a antiga ortografia.